

MARCIA KUPSTAS

A Maldição
do Silêncio



A Maldição do Silêncio

A maldição do silêncio

© Marcia Kupstas, 2015

Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica Mário Ghio Júnior

Diretoria editorial Lidiane Vivaldini Olo

Gerência editorial Paulo Nascimento Verano

Edição Fabiane Zorn

Arte

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.) e Thatiana Kalaes (assist.)

Projeto gráfico Elisa von Randow

Lettering Samuel Casal

Revisão

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho,
e Brenda Moraes (estag.)

Iconografia

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

Crédito das imagens p. 112 e 113: acervo pessoal; demais fotos: Renato Parada

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K98m

Kupstas, Marcia, 1957-

A maldição do silêncio / Marcia Kupstas ; ilustração Samuel Casal. -

1. ed. - São Paulo : Ática, 2015.

120 p.: il. (Marcia Kupstas)

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-17209-2

1. Mistério - Ficção infantojuvenil. 2. Ficção infantojuvenil
brasileira. I. Casal, Samuel. II. Título. III. Série.

15-22139.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 738780

CAE 545821

2017

1ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:



editora ática

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2015

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



MARCIA KUPSTAS

A Maldição do Silêncio

Ilustrações de Samuel Casal

ea
editora ática



SE EU TIVESSE de usar um adjetivo para *A maldição do silêncio*, diria que é um livro ambíguo, em que nada é o que parece ser.

Uma sinopse simplória aponta para um comovente romance juvenil: numa visita de caridade, Ricardo acompanha a avó até a casa de uma família marcada pela tragédia e pela pobreza. Lá, ele fica amigo de João, um menino com uma grave doença. Mas João não é um moribundo patético. Ele revela ter poderes paranormais e manipula a todos: a mãe, as visitas piedosas, o médico, o irmão deficiente... Conseguiria João manipular até a morte?

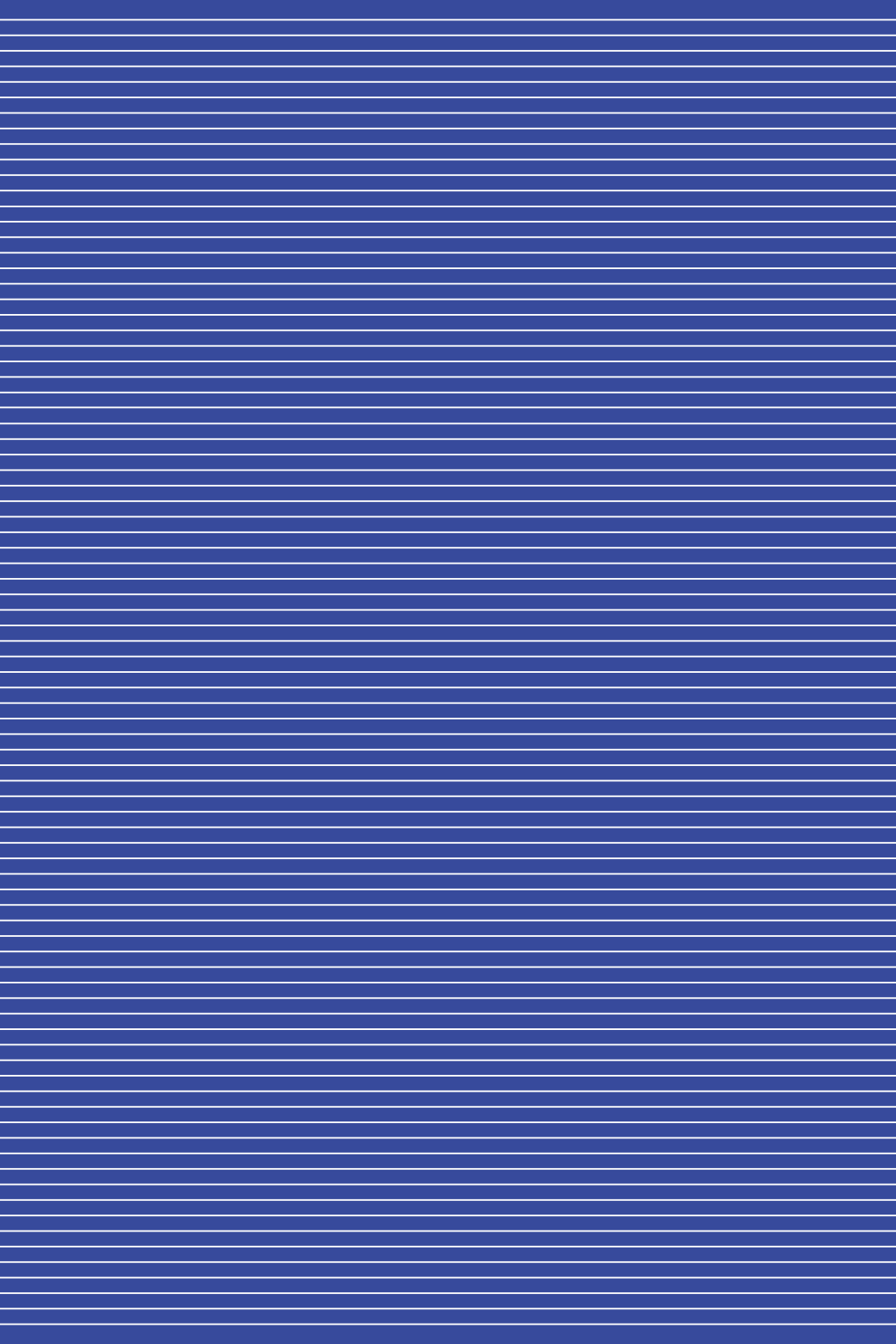
Este, que é o meu segundo livro, apresenta um clima bem mais denso do que outros de minha carreira. A estreia, em 1986, com *Crescer é perigoso*, teve imenso sucesso. Quis evitar a pecha de “escritora de um enredo só” e, na sequência, procurei uma história bem diferente. A expressão “maldição do silêncio” surgiu de um importante conto de Edgar Allan Poe, o “pai” dos contos de terror e a quem muito admiro. Talvez o meu *A maldição do silêncio* tenha mais Poe do que Marcia Kupstas.

Confesso que me orgulho de ter escrito *A maldição do silêncio*. E nesses 30 anos desde seu lançamento reuni uma série de comentários de leitores assustados (e assombrados!) por seu enredo bizarro.

Um abraço,

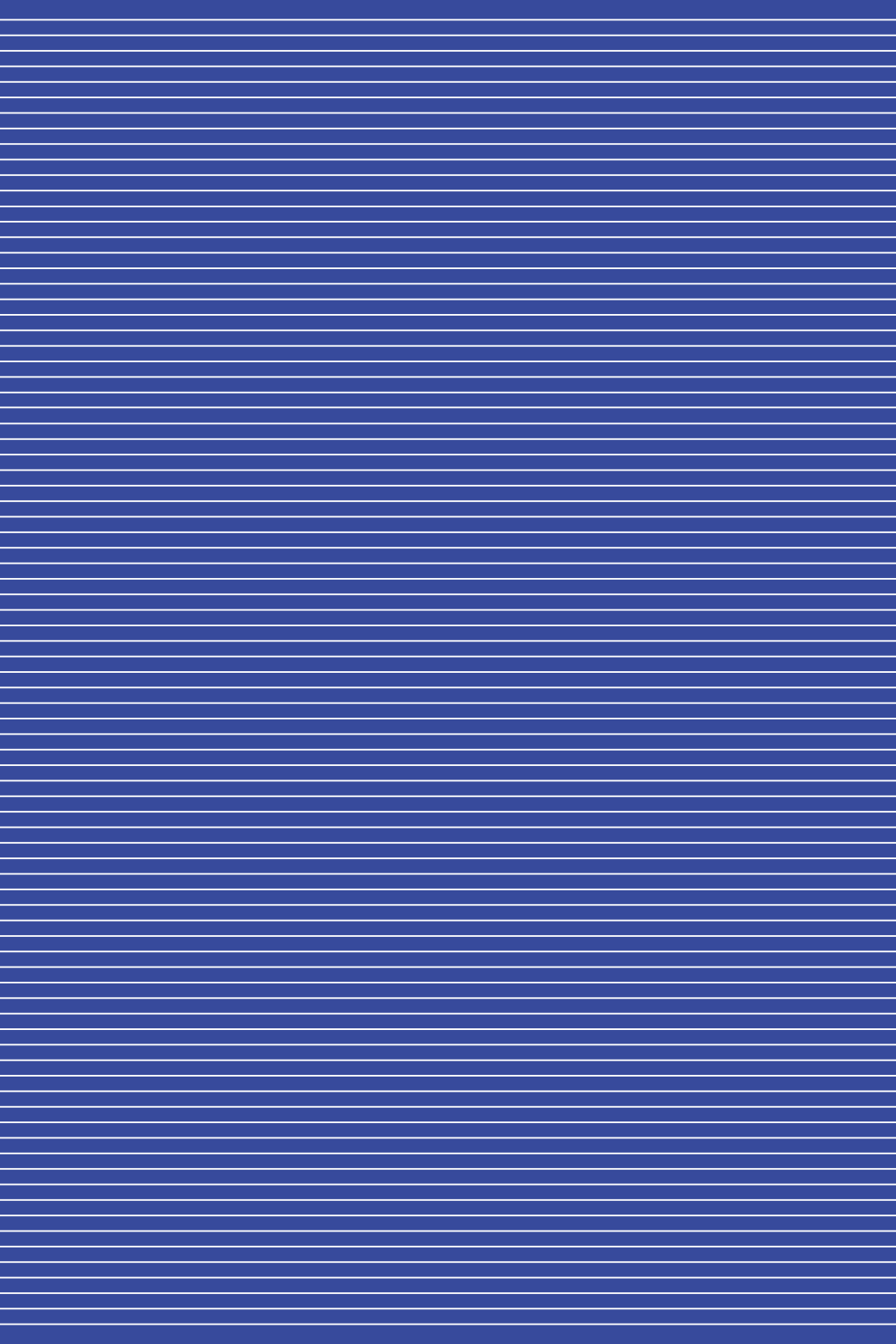
Marcia Kupstas





SUMÁRIO

1. Conhecer João	11
2. Rever João	63
3. Esquecer João	90
4. Renascer João	100
Os sonhos de Marcia Kupstas	111



Com carinho especial para o amigo e médico Milton Seiji Fukujima e aos amigos que também “deram uma força”, Maria Tereza Rangel Arruda Campos e Plínio Hungaro.

1. Conhecer João

PEDRA ALTA. Durante todos os anos, engraçado que eu sempre esperei ouvir o nome de Pedra Alta nos noticiários de tevê, manchetes de jornais. A cidadezinha de meus avós seria descoberta, viriam a público todos os acontecimentos de tanto tempo atrás. Mas isso não aconteceu. Mais estranho ainda é imaginar que eu possa ser a única testemunha. Ninguém mais sabe, ninguém — ou não desconfiaram de nada. Ou acharam tão impossível, tão louca a possibilidade, que ela já virou um daqueles mistérios que fazem a tradição dos “causos” contados de noite, quando o vento e o frio dão fôlego pra imaginação.

Mas eu não imaginei nada. Não estou mentindo. Naquela época, eu era um garoto. E talvez por isso os acontecimentos tenham ficado tão fortes na minha memória. Consigo me lembrar dos detalhes, consigo descrever João exatamente do jeito que o vi pela primeira vez, naquela tarde em que minha avó me levou junto numa visita piedosa à dona Frederica, a mãe dele.

— Você está com medo de mim — João, debaixo do cobertor com aquele calor todo, me dava medo mesmo. Só que eu não disse.

— Que nada.

— Verdade. Tá aqui a minha mão. Se você tem coragem, me cumprimenta.

Ouvi a voz de vovó, que conversava na cozinha com dona Rica, no andar de baixo. Apenas eu e João no quarto. Ele estendeu a mão e esperou. Eu mordi o lábio, lembrava das palavras de vovó: “Fica lá, conversa com ele”. E enfatizou: “Não come nada, não põe a mão em nada!”. Mas e a minha coragem? Ele era magrela, com um tapa eu derrubava. Derrubava gente maior que ele. A mão meio amarela e estendida. Mas os olhos... estavam brilhantes; os olhos dele riam de mim. Só depois, bem depois, poderia entender o que era aquilo na vida: cínico. Olhos cínicos.

Engraçado chamar João de cínico. Um cara de 13 anos, doente, lá pode ser cínico? O pior é que era. Naquele momento, era. E a mão magrinha dele, estendida para mim, como prova disso. Ficamos assim tanto tempo! Eu não era covarde.

Estendi a minha. E a gente se cumprimentou direito, os dedos todos entrelaçados, grudados. Apertando.

— Prazer. Eu sou o João.

— Ricardo Almeida Mascarenhas.

— Pra que o nome todo?

Pergunta besta. Em Pedra Alta eu sempre falava o nome todo. Isso agradava minha avó. Estranhei.

— Porque é o meu nome — respondi.

— Pra mim, você é só Ricardinho mesmo. Nome do teu avô? Besteira.

— Meu avô não é besteira.

— O nome dele sim. Eu vou morrer mesmo, e nome não vale nada depois que a gente morre.

— Não fala assim.

— Tua avó não disse? Todo mundo sabe. É verdade. Eu já sei faz tempo. Garanto que é isso que a mãe e a tua avó estão falando, lá embaixo. E a mãe chora, e a tua avó puxa duas ou três notas e dá pra ela. E fica nesse lero-lero de “Deus que sabe”, “o destino”... bobagem assim.